



Museu Geológico

Rua da Academia das Ciências, 19 – 2º

1249-280 Lisboa

Terça a sábado 10h - 17h

5 de abril a 3 de maio de 2014

Sérgio Costa Strata

"Strata": Desterramento e Virtualização na Wunderkammer de Sérgio Costa

"Na Exumação a distribuição de superfícies é totalmente colapsada e os seus movimentos associados são desviados; o limite exterior já não pertence à periferia; superfícies anteriores surgem depois de todas as outras superfícies, camadas de estratificações são deslocadas e perfuradas, as periferias e a última superfície protectora tornam-se as próprias condutoras da invasão. A Exumação é definida como colapso e trauma introduzidos na parte sólida por actividades vermiformes; o corpo da solidão é substituído por todo o corpo do trauma. Como num desterramento — a escarificação das superfícies quentes e frias de um túmulo — a exumação prolifera superfícies umas através das outras. A exumação transmite arquiteturas em excessivas escarificações, fibras de tecidos, membranas e superfícies do corpo sólido." Negarestani, R. (2008). *Cyclonopedia, complicity with anonymous materials*. Melbourne: re.press

Partindo num Minúsculo vóo de espanto através da série experimental Strata, de Sérgio Costa, acompanhamos um modo de experimentação artística assente numa nova estratégia diagramática, não só através da pintura, como de alterações dimensionais em novas experimentações estratigráficas, introduzidas pelo princípio anaglifico.

Existe, contudo, uma nova e muito mais importante dimensão nos mais recentes trabalhos da série Strata de 2013-2014, que começa com proto-objects subdeterminados, como as formas de massa de gesso e o seu processo de secagem, através do qual a porosidade surge nos Strata #20 e #21, exibidos num espaço anterior ao da exposição. E mesmo após estas frágeis coisas subdeterminadas serem transportadas para a esfera da pintura, onde as poderemos ver como paradoxos (uma fatia de um proto-cérebro e/ou uma fatia de pão torrado petrificado simultaneamente), é ainda assim limitada a nossa imaginação ao observá-las no seu jogo de correspondência de similitude trivial. A concepção destes sub-objects leva-nos mais longe, auferida pelo seu transporte e enraizamento contextual num espaço museológico, no Museu Geológico em Lisboa no edifício da Academia Portuguesa das Ciências. Os Strata de Sérgio Costa tornam-se assim "equivalente real", uma síncope virtual dos objects petrificados do museu em seu redor, tornam-se um princípio artístico de desterramento, "desfundamentação" e virtualização do espaço museológico e seus objects exibidos.

Nos Strata #20 e #21, a porosidade, mostrando uma abertura de crateras e vales em desterramento diferente do seu equivalente geológico de sedimentação, pode ser perspectivada como uma estratégia artística oposta a uma sedimentação geológica horizontal, um dos princípios da estratificação. A alteração mais notória introduzida na série experimental Strata em 2014 é a introdução de uma nova dimensão perceptual: o contorno anaglifico bicolor que cria um efeito tridimensional na pintura bidimensional, criando um diagrama baseado na inter-relação de duas cores adicionadas à pintura, virtualizando a estratificação.

#Ungrounding Strata#

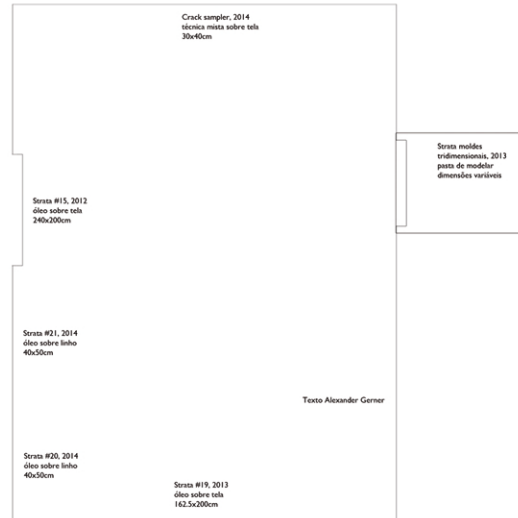
Strata de Sérgio Costa exuma a fidelidade da nossa percepção habitual das coisas e assim a estratificação, enquanto camadas de rocha, começa a decompor-se. Aqui, nem mesmo a mais dura rocha, sobre a qual as religiões acreditam poder ser construídas, escapa a este princípio de virtualização, des-estratificação ou desterramento. Através da introdução das novas obras "Strata anaglifos", Sérgio Costa pode agora ser visto em 3D, sem necessidade de ir a nenhum cinema multiplex - o modo cinemático anaglifico alcança em 2014 o Museu Geológico, catapultando o observador para uma natureza 2.0. Se por um lado o observador parece recuperar, na sua ilusão óptica, a estrutura 3D "original" do objecto em estudo, num "regrounding" da realidade, por outro quanto mais tenta enraizar num plano platónico o Strata de Costa, mais este se virtualiza e desterra.

"Se a geologia, ou o 'processo de exploração mineira', abre um desenraizamento no fundo de qualquer objecto, isto é precisamente porque não existe nenhuma 'camada fundamental do mundo', nenhum 'último substrato' ou substância na qual tudo fundamentalmente reside. As linhas de dependência serial, stratum sobre stratum, que a geologia descobre não residem em absolutamente nada, mas são marcas de acções antecedentes na produção de consequências". Iain Hamilton Grant (2010) "Mining Conditions". In: *The Speculative Turn: Continental Materialism and Realism*, eds. Levi Bryant, Nick Srnicek and Graham Harman (Melbourne: re.press, 2010), 41—46 here: 44.

#Strata Wunderkammer#

A exposição de Sérgio Costa transporta todo o Museu Geológico para o plano dos seus Strata. Assim, ao apresentar uma transição do plano científico dos objects geológicos num espaço-dobra do Museu oficialmente dedicado à arte, Sérgio Costa permite-nos participar numa estratégia de virtualização da estratificação, através da máquina diagramática artística das suas pinturas. O princípio de virtualização actualiza-se na vitrine que apresenta os estudos tridimensionais dos Strata, feitos de uma pasta demiúrgica sempre já em decomposição, em ruptura: material strata síncope. O interesse destes estranhos objects é exactamente a sua fragilidade, a sua porosidade — exumando estratificações em decomposição, uma poromecânica da estratificação dando lugar a uma "cosmogénese da decomposição", que se "desdobra..." em solidão, [e] espalha-se do interior para superfícies exteriores." Negarestani, *Cyclonopedia*, 181—182

Alexander Gerner



Sérgio Costa. 1969. Moçambique. Vive e trabalha em Lisboa. Licenciatura em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Mestrado em Artes Visuais pela Universidade de Évora. No seu trabalho explora a experiência visual enquanto mediação cultural e tecnológica. Representado em coleções públicas e privadas. www.sergiocosta.eu